

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1376 | 20/02/2017 a 26/02/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



ARENITO CAIUÁ

UNIÃO PARA VENCER O “AREIÃO”

Produtores rurais da região investem em consórcio de culturas, recuperam áreas degradadas e aumentam produtividade

sistemafaep.org.br

Aos Leitores

Nas páginas desta edição, fomos buscar exemplos de como o homem do campo é um empreendedor capaz de buscar saídas para enfrentar situações adversas, como tipo de solo pouco propício para a agricultura, de ir atrás de tecnologia para realizar o sonho de produzir algo que remeta às suas origens, e de inovar e fortalecer parcerias para melhorar a produtividade e a rentabilidade na sua propriedade.

Nossa expedição pelo interior do Paraná fez a primeira escala no Noroeste do estado. Lá, nossa reportagem conta como os produtores apostaram na diversidade de culturas para enfrentarem o solo do Arenito Caiuá e alcançarem produtividades acima da média estadual.

Estivemos no Norte Pioneiro paranaense para conhecer a história de seu Idílio da Cruz Inácio, português radicado em Bandeirantes, que aos 83 anos decidiu investir na produção de azeite de oliva.

Também mostramos como avicultores do Estado estão se beneficiando da Lei de Integração para mudar a forma de negociação entre o setor produtivo e as indústrias.

Uma boa viagem por esse mundão de terra do Paraná e uma ótima leitura.

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon |

Edição: Ricardo Medeiros

Redação e Revisão: Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figue

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1376:

Fernando Santos, Felipe dos Santos, Presidência da República, FPA Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE

COOPERATIVISMO

Produzindo no Arenito Caiuá

PAG. 3

SEGURANÇA

Unidos contra furtos no campo

Pág. 8

AVICULTURA

Cadecs transformam o setor

Pág. 14

OLIVICULTURA

Produção de azeite

Pág. 18

FRENTE

PARLAMENTAR

Nova diretoria é empossada

Pág. 23



No “areião” Caiuá, soja tem desempenho de encher os olhos

Por meio do consórcio de culturas, produtores rurais da região modificaram o cenário, e alcançam produtividade acima da média estadual

Por Hemely Cardoso



Há 10 anos, o ex-bancário e produtor rural Gerson Magnoni Bortoli (foto acima), de Umuarama, na região do Arenito Caiuá (Noroeste do Estado), iniciou uma verdadeira revolução para a recuperação dos solos e das pastagens degradadas nas suas três propriedades. No “areião”, Bortoli

provou que é possível reverter o cenário típico na região, onde a terra é suscetível ao processo de erosão e pobre em matéria orgânica. Desde que começou o plantio de soja, em 2006, o produtor elevou a produtividade de 45 sacas de soja por hectare, na época, para 70 na última temporada. Para

a atual safra, que começa a colheita na próxima semana, a expectativa é repetir a produtividade, numa região onde a média não ultrapassa 50 sacas por hectare, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab).

Mas alcançar produtividade 40% maior que média local não foi fácil. Entre outros fatores, como pesquisa, tecnologia e capacitação, os resultados apareceram depois que Bortoli implantou o sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) nos 1.176 hectares – somando as três propriedades. A primeira ação para reverter o cenário adverso foi o plantio de soja durante o verão para reformar as pastagens degradadas.

“Essa cultura surgiu como alternativa para aumentar o potencial dos pastos de baixíssima qualidade da época. O plantio de soja traz uma série de benefícios ao solo, como a produção de matéria orgânica e maior fixação de nitrogênio, e acaba pagando todos os custos com a reforma da pastagem”, explica o produtor. No início, a área destinada à oleaginosa somava 24 hectares. Hoje são 420 hectares.

Outra solução para o problema crescente nas pastagens, no período de inverno, é o cultivo consorciado entre a soja e o capim braquiária (*Brizantha ruziziensis*). Após a colheita da primeira cultura, a braquiária forma a

pastagem que será utilizada pelo gado nos três meses da estação gelada. “Entre 100 e 120 dias, o gado permanece nessa área para a engorda durante o inverno. Enquanto na maioria das propriedades da nossa região não há pastagem nesse período, o meu rebanho engorda até 1,3 quilo por dia”, comenta o produtor.

Após a retirada dos animais, o mesmo capim forma palhada para o próximo ciclo da soja, em outubro. “O sistema radicular dessa braquiária permite a reciclagem dos nutrientes do solo. Além disso, realiza a cobertura, mantém a umidade do solo, além de diminuir os efeitos provocados pela erosão”, observa Bortoli.

Com todos os custos na ponta do lápis, o produtor calcula que, devido ao sistema ILP, a sua receita líquida com o plantio de soja é de R\$ 2,3 mil por hectare no verão e mais R\$ 753 por arroba de carne/hectare no período de inverno. Ano a ano, Bortoli investe na compra de maquinários e implementos e por meio da cultura conseguiu reformar as pastagens nas três propriedades rurais.

Na mesma região do Arenito, em Iporã, distante 52 quilômetros de Umuarama, o médico veterinário e produtor Albertino Afonso Branco (foto abaixo), conhecido como Tininho, decidiu investir em tecnologia para melhorar os índices da pecuária na propriedade de 458



Números da iLPF no Brasil

O país já possui 11,5 milhões de hectares na adoção do sistema iLPF, segundo pesquisa da Rede de Fomento de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta, elaborada pelo Kleffmann Group. O estudo, divulgado em novembro do ano passado, mostra a evolução da tecnologia em alguns estados do país.



hectares. Há oito anos, ele implantou o sistema Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF) na Fazenda São Jorge, onde hoje cultiva soja e eucalipto, engorda 130 mil aves e trabalha com gado de leite e corte.

“Sempre fui pecuarista, mas decidi investir no plantio de soja para ter melhores resultados na criação de gado”, revela.

De lá para cá, os resultados no desempenho das atividades são significativos, como a recuperação de toda a área de pastagem e o aumento da lotação média de animais por hectare, de 0,8 para 3,3. No início de fevereiro, Albertino terminou de colher a área de 72 hectares destinada à soja, com produtividade de 67 sacas por hectare. Na primeira safra da oleaginosa, em 2008, foram apenas 48 sacas por hectare.

Diante dos altos índices, após a implantação do iLPF, Tininho reconhece que a recuperação e preservação do solo são fundamentais para o negócio. “É importante que o produtor tenha assistência técnica e siga religiosamente todas as recomendações para que o sistema seja eficiente. Além disso, deve ter sempre em mente que não está só melhorando a produtividade e, consequentemente, a renda da propriedade, mas está preservando o seu maior patrimônio, o solo”, ressalta.

Para o engenheiro agrônomo Erick Zobiole Marinelli (foto acima), da unidade da cooperativa Cocamar em Umuarama, a integração entre a pecuária e agricultura é a principal estratégia para mudar as pastagens degradadas na região do Arenito Caiuá. No entanto, segundo ele, é importante que o produtor tenha um planejamento criterioso sobre as particularidades da propriedade antes de iniciar o sistema. “Ele deve considerar o tamanho da

área, as condições da vegetação, topografia, solo, entre outros fatores para a implantação e condução da tecnologia. É preciso experimentar. Nem sempre a receita do vizinho é a melhor alternativa para outro rebanho. Em iLPF os conhecimentos não podem ser padronizados. A interação entre instituições de pesquisa, assistência técnica e produtores traz diferentes resultados em diferentes realidades”, afirma Marinelli.

Área por Estado (iLPF)

	Mato Grosso do Sul	2 milhões de ha
	Mato Grosso	1,5 milhão de ha
	Rio Grande do Sul	1,4 milhão de ha
	Minas Gerais	1 milhão de ha
	Santa Catarina	680 mil ha
	Paraná	300 mil ha

Fonte: Kleffmann Group

Estratégia

A tecnologia também mudou o cenário na pequena Jardim Olinda – 1.409 habitantes, segundo dados do IBGE –, onde a paisagem é repleta de canaviais e áreas de criação de gado de forma extensiva. Há 11 anos, o engenheiro agrônomo e produtor Cesar Luis Vellini (foto ao lado) e a esposa Marcia Vellini decidiram investir na integração entre o plantio de soja, milho, cana de açúcar, eucalipto e a criação de gado de corte na Fazenda Flor Roxa.

Até 1994, o foco da propriedade de 1,4 mil hectares era a criação de bovinos para a produção de carne. Nessa época, a maioria das pastagens estava com baixa produtividade e qualidade forrageira questionável, além da alta infestação de plantas invasoras. Em 1996, para diversificar as atividades e recuperar a qualidade do pasto, o casal cultivou pelo sistema convencional a primeira área de 96 de hectares de soja, com uma produtividade de 45 sacas por hectare.

Nos anos seguintes até 2003, Cesar Vellini conta que expandiu a área para 100 hectares, mas percebeu que as condições de clima e solo na região não permitiam o cultivo da soja repetido por vários anos, sem a rotação de outras espécies que produzissem palha e recuperassem a qualidade do solo. Diante desse problema, ele introduziu o Sistema de Plantio Direto (SPD) e expandiu o cultivo para 600 hectares.

Durante as três safras seguintes, uma seca severa na região reduziu a produtividade de 52 sacas para 15 por hectare. A dificuldade fez com que Vellini buscasse uma nova estratégia para resolver o problema. Em 2006, por meio de uma parceria com a Cocamar e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), iniciou um experimento numa área de 20 hectares para avaliar a viabilidade da ILPF na Fazenda Flor Roxa.

Com a medida, a tecnologia prosperou e, na safra 2015/16, a produtividade da soja atingiu 80 sacas por hectare. “O sistema melhorou os patamares produtivos da fazenda nas últimas duas décadas, do alto nível de degradação para elevados índices de produção e conservação dos recursos naturais”, destaca Vellini.



Papel do cooperativismo

A batalha dos produtores rurais para transformar o cenário da região Caiuá, com mais de 3,2 milhões de hectares, sendo 2 milhões de pastagem degradada, é resultado de uma iniciativa da Cocamar, com sede em Maringá, região Noroeste do Paraná.

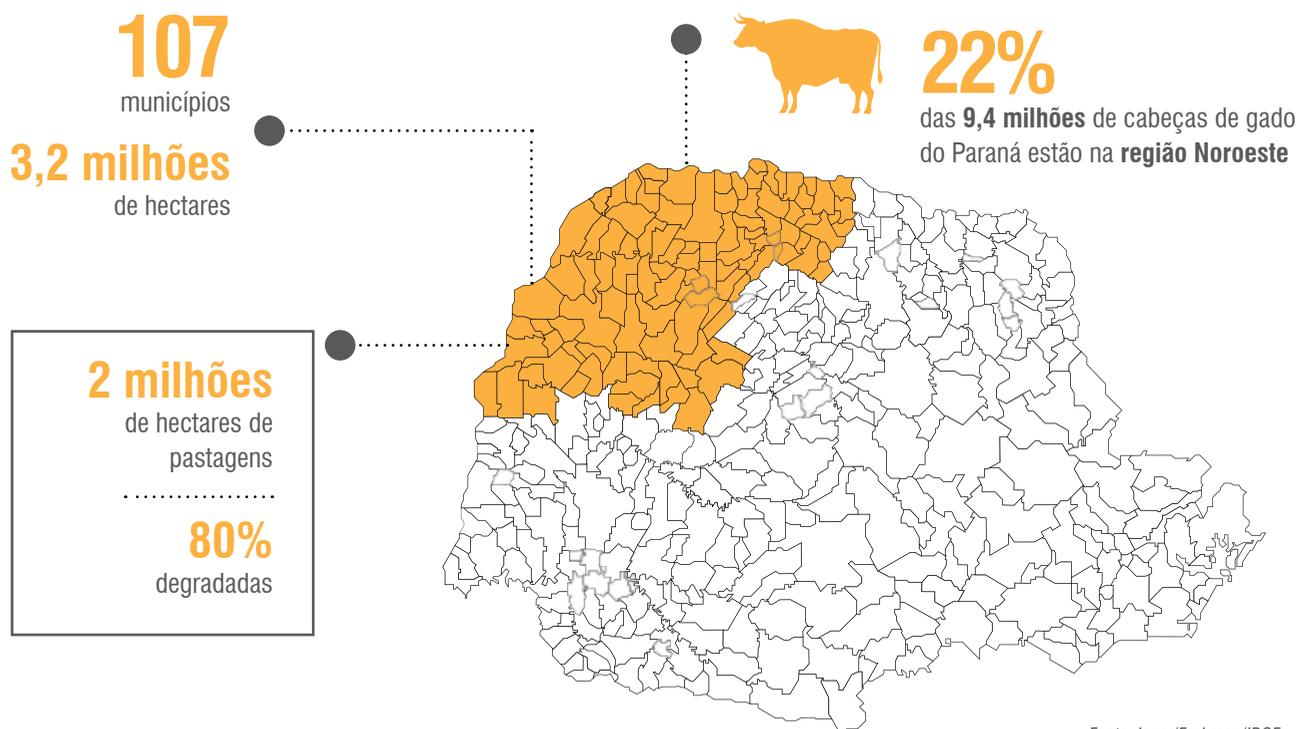
Há 16 anos, a cooperativa, em parceria com o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e a Embrapa, lançou um projeto de ILPF para buscar uma solução para a crescente degradação do solo na região. “Solo pobre não cria empregos e por que não plantar soja na areia? Nós temos exemplos de que isso é possível, com a adoção de novas tecnologias e sistemas de produção”, observa o presidente do conselho administrativo da Cocamar, Luiz Lourenço (foto ao lado).

Segundo o executivo, a pecuária de corte, com um plantel de mais de 2 milhões de cabeças, movimenta a economia na região. Somente em Umuarama, o Valor Bruto de Produção (VBP) do abate de machos e fêmeas movimentou R\$ 83,9 milhões em 2015, segundo dados do Deral. “Hoje, nós temos exemplos de pecuaristas que estão produzindo R\$ 600 por arroba de carne/hectare por ano. Esse valor é muito baixo, precisamos mudar a percepção desses produtores para a implantação de outras culturas, como a soja e o milho, integradas ao cultivo de pastagem, resultando em alta produtividade e rentabilidade”, avalia Lourenço.

Atualmente, o projeto da Cocamar envolve 164 produtores rurais, numa área que concentra em torno de 90 mil hectares. “Todos os produtores rurais que fazem parte do projeto recebem a nossa assistência técnica para que eles alcancem alta performance no campo, com alta produtividade, rentabilidade e sustentabilidade. Dessa forma, a nossa proposta está além da porteira, movimentando a economia da nossa região e criando novos postos de trabalho”, destaca Lourenço.



REGIÃO DO ARENITO CAIUÁ



Fonte: Iapar/Embrapa/IBGE

Reféns da insegurança

Furtos de animais e equipamentos voltam a crescer em algumas regiões do Estado. Entidades rurais se organizam para combater a criminalidade

Por André Amorim

A insegurança e o medo da violência são antigos companheiros dos produtores rurais paranaenses. As ocorrências de crimes contra o patrimônio em cidades do interior vêm aumentando nos últimos meses. Para combater a criminalidade, entidades se organizam para definir ações e se defender dos ladrões.

Em janeiro, o presidente do Sindicato Rural de Rondon (região de Cianorte), Irial Basso, convocou produtores e lideranças rurais da região para debater a criação de uma guarda municipal na cidade com objetivo de combater os crimes no campo.

Na Lapa (Região Metropolitana de Curitiba), o presidente do Sindicato Rural, Eliseu Francisco Weinhardt, conta que encaminhou um projeto ao comando da Polícia Militar (PM) do Paraná, para que a 1ª Companhia da PM, que atua no município, seja elevada à categoria de batalhão, para assim contar com maior efetivo. Paralelamente, o sindicato e a comunidade levantaram fundos para a compra de equipamentos para a polícia.

Gado na mira

Uma das ocorrências que vem se sobressaindo é o roubo de gado. Na maioria dos casos esse tipo de crime ocorre à noite, com a invasão da propriedade e, geralmente, conta com a ajuda de “olheiros”, pessoas que informam os criminosos onde está o gado, qual o melhor momento para o roubo e outras informações estratégicas.

De acordo com o delegado de Polícia Civil da Lapa, Vinícius Menezes, não existe no sistema de informações da polícia um filtro que possa identificar somente esse tipo de crime. Porém, segundo ele, o Departamento de Polícia do Interior (DPI) solicitou um cuidado maior na investigação desses casos.

Segundo o delegado, na maioria das vezes, o criminoso já está envolvido com a venda e abate de gado, de modo que conhece os caminhos para driblar a fiscalização na hora de vender o produto do crime. O receptor geralmente está fora do município onde houve o furto.



Polícia sugere o uso de anel para identificar os animais furtados

do Mendes, o gado estava no pasto no momento do furto. “Cortaram o arame, entraram com um caminhão e levaram o que coube”, conta.

Em Rondon, o pecuarista Paulo Martins marcou, no último dia 21 de janeiro, o aniversário do furto de 20 animais da sua fazenda. No início de 2016 um grupo de ladrões entrou na sua propriedade, prendeu o gado e entrou com um caminhão no pasto. Na ocasião foram levadas 19 vacas e um touro. “Tem vários casos aqui em Rondon, deve ser uma quadrilha especializada, organizada, que já tem certo onde vender os animais”, observa.

Segundo o titular da delegacia regional de Cidade Gaúcha, Jairo dos Santos, que cuida de cinco municípios, entre eles Rondon, em 2016 foram registrados 13 boletins de ocorrência sobre roubo de gado, totalizando 196 cabeças furtadas na região. “Ninguém foi preso e nenhum animal foi recuperado”, afirma. De acordo com o delegado, a dificuldade de so-

“Em um dos casos levantados, o gado furtado era levado para uma região da Lapa conhecida como ‘ilha’, passava a noite lá e depois ia para Santa Catarina”, conta.

Para chegar ao Estado vizinho, os criminosos utilizam estradas vicinais onde a fiscalização é praticamente inexistente. A estratégia é para fugir das barreiras sanitárias em Santa Catarina, uma vez que o Estado é o único do país que possui o status de livre da febre aftosa sem vacinação.

Outra estratégia dos ladrões de gado, já identificada em Goiás, é adaptação de um caminhão do tipo baú para o transporte dos animais. Esse tipo de veículo, comum no transporte de produtos, passaria incólume nas barreiras sanitárias. Imagens de um caminhão adaptado têm circulado por grupos de produtores paranaenses (veja ao lado).

lucionar esses casos passa pela investigação na ponta da receptação. “Esses frigoríficos funcionam de madrugada, quando você chega o animal já está sem o couro, aí não tem como identificar a marca nem nada”, diz.

Vítimas

Nos furtos ocorridos recentemente no Paraná, não há um padrão. “Furtam bezerro, vaca, até boi gordo”, afirma o delegado Menezes. Uma vítima de furto de gado ocorrido na Lapa, que prefere não se identificar por receio de ameaças dos bandidos, conta que em outubro de 2016 foram furtados de sua propriedade 46 bezerros com cerca de um ano.

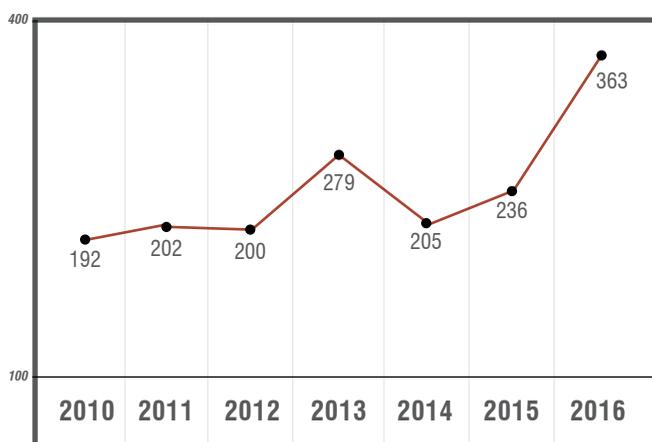
Em um intervalo de menos de uma semana, as propriedades da família de José Augusto Mendes, em Cidade Gaúcha (região de Cianorte) e em Rondon, sofreram dois furtos. No final de novembro do ano passado, bandidos entraram, renderam o caseiro e levaram um trator. Cinco dias depois, ladrões entraram na propriedade em Rondon e levaram 27 cabeças de gado, um prejuízo estimado pelas vítimas em aproximadamente R\$ 120 mil. Segun-



Caminhão baú adaptado por criminosos para furto de gado em Goiás

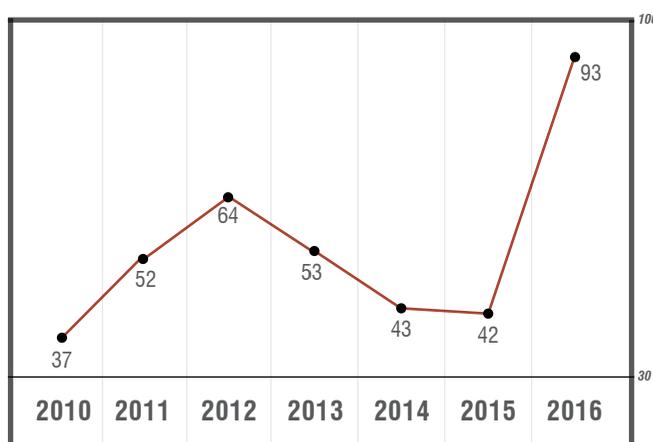
Boletins de ocorrências de furtos qualificados ocorridos na Lapa e em Rondon

LAPA



Fonte: Polícia Civil do Paraná

RONDON



Aumento

Os números oficiais reforçam a percepção de um crescimento da violência em muitas cidades do Estado. Segundo a assessoria de imprensa da Polícia Civil, em 2010 os crimes nas categorias “furto qualificado” e “furto simples” somaram 374 ocorrências na Lapa. Em 2016, esse número passou para 652 casos.

“Está sendo progressivo. Temos uma coleção de boletins de ocorrência que mostram que está aumentando o número de cabeças de gado roubadas em cada ação. Antes levavam uma, duas, depois cinco, depois 20, até que em uma única ação aqui na região roubaram 87 cabeças de uma vez”, relata Eliseu Weinhardt, presidente do Sindicato Rural da Lapa.

O produtor José Augusto Mendes concorda com a mudança no perfil desses crimes no Estado. “Antes, entravam no pasto, carneavam um animal ali mesmo, levavam a carne e deixavam a carcaça. Hoje estão levando de caminhão.”

A insegurança já faz parte da rotina da comunidade rural de Rondon, afirma o presidente do Sindicato Rural, Irmal Basso. “Quando a pessoa sai, ela sabe que a casa dela está correndo algum risco”, diz. Segundo ele, em 15 dias foram roubadas 12 casas no município. Numa estimativa inicial dos casos conhecidos, em 60 dias, só os roubos de gado e de tratores somaram R\$ 700 mil em prejuízos para os produtores rondonenses.

Já o dirigente lapeano reforça que é importante que os produtores que foram vítimas de crimes registrem o boletim de ocorrência. “Quando você fornece essa informação ajuda a polícia e a comunidade a ter estatísticas confiáveis sobre os crimes. Isso auxilia na hora de solicitar mais efetivo para sua região”, orienta.

Medidas



Lideranças rurais de Rondon debatem a criação de uma Guarda Municipal

Em Rondon, além da proposta para criação da guarda municipal, o Sindicato Rural tomou a frente para a reativação do Conselho de Segurança do município. Outra proposta é a instalação de câmeras de monitoramento nas principais estradas rurais e saídas do município. Com isso, seria possível identificar movimentações suspeitas e até flagrar crimes em andamento. O apoio financeiro viria da administração municipal, dos produtores rurais e do comércio. “Se a própria comunidade não se mobilizar, o poder público não vai resolver”, diz Basso.

Além dessas medidas, a comunicação entre os produtores já se tornou uma importante ferramenta de prevenção e denúncia. Por meio de grupos de aplicativos para celular, os produtores avisam uns aos outros sobre movimentações suspeitas.

Cartilha traz dicas para produtores se protegerem

PM fez estudo sobre criminalidade para elaborar material



Para orientar a população do campo de como se proteger, a Polícia Militar do Paraná realizou estudos sobre a criminalidade no ambiente rural e conversou com produtores, moradores, sindicatos rurais e com representantes do Sistema FAEP/SENAR-PR. Neste processo, visitou e analisou algumas propriedades rurais no interior que foram vítimas de furtos e roubos.

O resultado foi a criação de uma cartilha com orientações para melhorar a segurança da família rural. As dicas de segurança vão desde cuidados com portas, janelas, disposição de equipamentos e estruturas dentro das propriedades, até como estabelecer redes de contatos entre vizinhos e funcionários para relatar ações suspeitas com mais agilidade. Você pode acessar essa cartilha no site do Sistema FAEP (sistemafaep.org.br).

Outra ação partiu da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que propôs a criação do Observatório da Criminalidade, uma plataforma eletrônica que reunirá informações sobre a violência no campo para depois balizar a tomada de decisão de agentes públicos e privados na área de segurança. Já está disponível no site (cnabrasil.org.br) um formulário para que o produtor rural denuncie os crimes e ameaças sofridos em sua propriedade.

Veja algumas medidas para evitar o furto de gado:

Contrate apenas pessoas de confiança para trabalhar na propriedade. “O furto do gado em período noturno é difícil, geralmente um funcionário, ou alguém próximo, que conhece a propriedade, participa”, afirma o delegado Vinicius Menezes, da Lapa.

Marque o gado, seja com ferro ou com brinco, para poder identificá-lo depois.

Individualize o rebanho. Tenha documentação com as características de cada animal (cor, sexo, características físicas e foto lateral).

Criador do Mickey frequentou cassino em Curitiba

Com a proibição dos jogos de azar no Brasil, antiga casa de apostas do Ahú foi transformado em escola de freiras



Entre 1939 e 1946, Curitiba fez parte do mapa nacional dos chamados jogos de azar. Na capital paranaense, na época com pouco mais de 150 mil habitantes, funcionava o cassino do Ahú. O local era uma das diversões preferidas da sociedade curitibana e até mesmo de forasteiros. Na era de ouro dos cassinos, o Brasil chegou a contar com cerca de 70 casas, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em Curitiba, todas as noites, centenas de jogadores e curiosos se amontoavam ao redor das mesas de roleta espalhadas pelo salão maior para apostar suas economias, na esperança de multiplicar o valor. O custo das fichas variava entre 5 mil e 500 mil réis (entre R\$ 66 e R\$ 6,6 mil em valores atuais) – já os jogos mais populares tinham o preço inicial de 1 mil réis (cerca de R\$ 13). O cassino ainda contava com salas de jantar, dançar, para ouvir músicas e apresentações. Apesar de ser um “espaço democrático”, mulheres desacompanhadas e estudantes não tinham o acesso restrito.

Em 1941, o cassino do Ahú recebeu uma das suas visitas mais

ilustres. Por conta de um imprevisto aéreo, Walt Disney, o “pai” do Mickey, Pato Donald, Pateta e outros famosos personagens do imaginário das crianças, se juntou às centenas de pessoas que tentavam a sorte. O avião em que viajavam Disney e a atriz Grace Moore, com destino a Buenos Aires, então uma metrópole importantíssima, espécie de Paris latino-americana, sofreu uma pane e precisou fazer um pouso de emergência no aeroporto do Bacacheri. Obrigado a passar a noite na cidade, o casal optou por conhecer o cassino curitibano.

A última noite do cassino do Ahú ocorreu em 30 de abril de 1946, por causa da proibição dos jogos de azar, por decisão do então presidente Eurico Gaspar Dutra. O imóvel ficou fechado por mais de uma década.

Em 1957, o padre Valério Alberton foi ao local para conhecer o espaço, com o plano de comprá-lo e transformá-lo em convento. Dito e feito! O salão de jogos, antes ocupado por longas mesas de roleta, foi trans-

formado em capela, salas de visita e oração.

Hoje, o ex-cassino do Ahú faz parte do complexo de um respeitado colégio de Curitiba administrado por freiras. Porém, segundo moradores da região, durante uma caminhada mais atenta pelas ruas do bairro é possível encontrar sinais, como placas com o nome do local e outros utensílios da época. Ainda, segundo relatos, uma grande casa próxima, hoje abandonada com janelas e portas lacradas com concreto, servia de local para as moças desacompanhadas, então proibidas de acessarem o cassino, receberem os jogadores dispostos a gastar parte da fortuna construída nas mesas de roleta.

Atualmente, diante da crise econômica e da iminente necessidade do governo federal em aumentar a arrecadação de impostos, a legalização dos cassinos do Brasil retornou à pauta das rodas de discussão em Brasília. Bastante controversa, a jogatina é vista por muitos políticos como forma de arrecadar bilhões de reais por ano, gerar milhares de empregos e fortalecer o desenvolvimento regional por meio do turismo.



A nova era da avicultura paranaense

Implantação das Cadecs tem permitido o avanço das negociações entre setor produtivo e indústrias. Das 28 unidades no Estado, oito já contam com a comissão

Por Carlos Guimarães Filho

A avicultura do Paraná está reescrevendo a forma de negociação entre o setor produtivo e as indústrias. Desde o ano passado, com a aprovação da chamada Lei de Integração (n.º 13.288/2016), a relação comercial envolvendo as duas partes da cadeia produtiva se tornou mais transparente e aberta.

A nova legislação obriga que as cadeias produtivas que funcionam no sistema de integração criem as Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) em todas as unidades industriais do país. Desta forma, os dois lados – produtor e empresa – poderão firmar parcerias com base em um padrão de

contrato estabelecido por lei, o que garante base legal e segurança para a produção. No Paraná, a avicultura está em processo mais acelerado. Em outros estados, a suinocultura registra etapa mais adiantada.

No Paraná, das 28 plantas de abate de frango, oito já contam com comissões implantadas e/ou em processo de implantação (veja as cidades no mapa abaixo). O Estado ainda contabiliza outras sete unidades gerenciadas por cooperativas. Porém, a lei não se aplica a essa modalidade.

Formado essencialmente por pequenas propriedades, o Paraná tem na implantação das primeiras Cadecs um alento para os avicultores, que passaram a ter voz junto às diretorias das indústrias. A lei exige a formação de comissões paritárias, ou seja, com o mesmo número de representantes pelo lado do setor produtivo e das empresas. Ainda, cada uma terá o seu próprio regimento interno, que irá definir, entre outras coisas, a periodicidade das reuniões.

“Com a aprovação da Lei da Integração, encurtou o contato entre as partes. Sempre fomos bem recebidos pela indústria que atua aqui na região, mas agora temos um amparo legal, reuniões, ata”, descreve Altacir Peres Rissato, produtor e coordenador da Cadec constituída junto à GTFoods, em Paranaíba, no Noroeste do Estado, que abate 700 mil frangos por dia.

A primeira reunião da comissão, que conta com seis integrantes de cada lado, além dos suplentes, está marcada para o dia 23 de fevereiro. Por parte do setor produtivo, a expectativa é estreitar ainda mais a relação e avançar em assuntos

Mais que frango

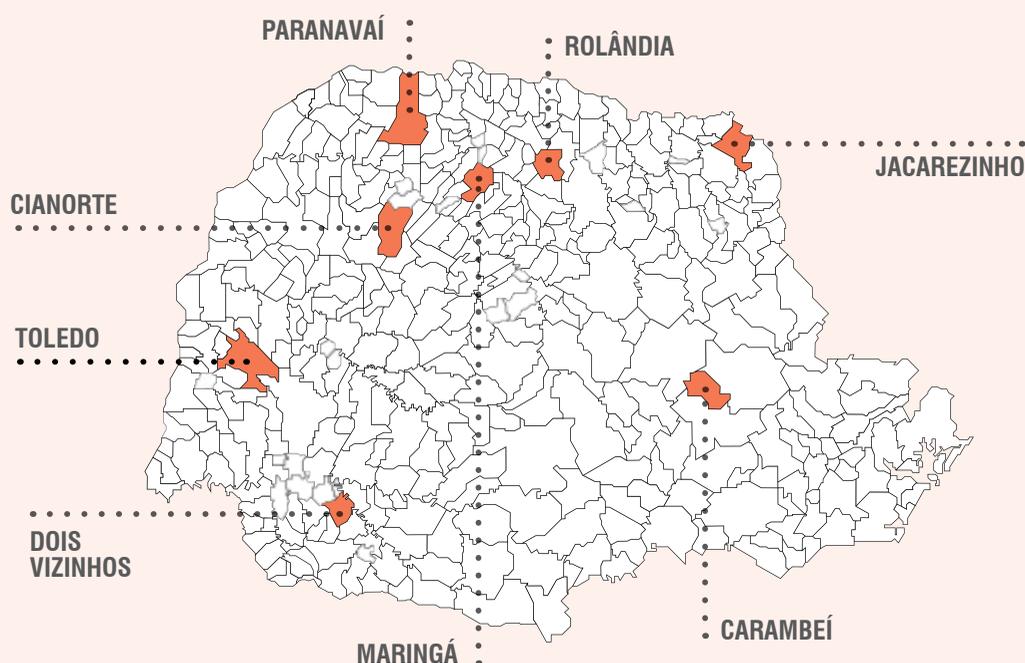
A Lei da Integração vale para todas as culturas envolvendo produtores integrados e as indústrias integradoras, como suinocultura, tabaco, entre outras.

divergentes. “Queremos quebrar a barreira que existe entre indústria e produtores, e a partir das reuniões periódicas, discutir o processo de produção. A remuneração, por exemplo, teremos que chegar a um acordo bom para ambas as partes. A mentalidade precisa ser de parceiros e não de concorrentes”, diz Rissato, envolvido com avicultura desde 2002.

O primeiro encontro será a ocasião para oficializar os integrantes de cada lado, definir a periodicidade das reuniões – a proposta por parte dos produtores será de uma a cada término de ciclo – e discutir detalhes do regimento interno.

RAIO-X

Veja onde estão as Cadecs formadas no Paraná



8

das 28 indústrias de abate de frango no Paraná já estão com Cadecs constituídas ou em processo.

A todo vapor

Distante 500 quilômetros, em Dois Vizinhos, na região Sudoeste, a Cadec formada junto à BRF já está operando, e contabiliza conquistas significativas. A comissão, com cinco integrantes de cada parte, está debatendo, entre outros assuntos, os fatores que compõem a formação da remuneração.

“Como associação, nós sempre tivemos reuniões constantes com a indústria. Mas agora está formalizado, com compromisso maior”, destaca Amarildo Brustolin, avicultor há 27 anos e presidente da Associação de Avicultores de Dois Vizinhos. “As Cadecs vieram para ajudar e facilitar as negociações entre ambas as partes, e melhorar a produção no Estado”, complementa. O Paraná é o maior produtor e exportador de frango do país.

Brustolin, que como presidente da Comissão Técnica de Aves da FAEP, acompanha de perto a avicultura estadual, acredita que, em algumas regiões, a implantação das comissões poderá levar algum tempo, caso as indústrias resolvam protelar. Porém, alerta o setor produtivo que não desista caso encontre resistência. “É uma questão de tempo para que as lideranças procurem as empresas. Mais cedo ou tarde, as partes terão que tomar a iniciativa”, afirma.



Contato

Os produtores e/ou lideranças regionais, de qualquer cadeia produtiva que funcione no sistema de integração, interessados em saber mais sobre a constituição de Cadecs podem entrar em contato com a FAEP no telefone (41) 2169-7939 ou pelo email ariana.sera@faep.com.br.



Apoio técnico e jurídico

Por saber da importância da necessidade de criação das Cadecs em todas as regiões do Estado, a FAEP tem fomentado e auxiliado, nos âmbitos técnico e jurídico, os produtores no processo de criação e implantação das comissões.

“A FAEP está ajudando na criação das Cadecs. Mas os produtores precisam tomar a iniciativa e entrar em contato com as indústrias”, ressalta Ariana Weiss Sera, médica veterinária do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, à frente dos assuntos envolvendo a Lei da Integração. Ainda este ano, a instituição irá criar um núcleo de coordenadores de Cadecs, com reuniões periódicas, para acompanhar os trabalhos e auxiliar nas demandas do setor produtivo.

No Sudoeste, por exemplo, a mobilização por parte dos avicultores começou no início do ano e os primeiros resultados já são visíveis. Após solicitação das cinco associações de produtores da região – Francisco Beltrão, Dois Vizinhos (duas), Saudade do Iguauçu e Chopinzinho –, técnicos da FAEP realizaram, na primeira semana de fevereiro, uma reunião no Sindicato Rural de Chopinzinho para repassar informações no intuito de auxiliar na formação das comissões junto às indústrias de frango no entorno.

“A gente se mobilizou de forma conjunta e chamamos a FAEP para explicar o processo de implantação, para nos orientar como organizar antes de procurar as empresas. Nós estamos nos preparando muito bem, conforme a lei, formalizando as pessoas que vão compor as Cadecs”, destaca Juarez Pompeu, produtor e vice-presidente da Associação de Avicultores de Chopinzinho, com 136 produtores. “De uma forma geral, todo

integrado é como índio: só recebe ordem. Agora temos uma lei que dá amparo legal. E, dentro do princípio da responsabilidade, queremos discutir os problemas, as dificuldades”, complementa.

Ainda segundo Pompeu, avicultor há 11 anos e proprietário de dois aviários, com capacidade para 35 mil frangos cada, o suporte da FAEP faz a diferença dentro das ambições dos produtores. “Antes, o produtor não tinha como discutir, pois existia uma desigualdade de conhecimento, tanto técnico como jurídico. Mas com o suporte da Federação, a discussão será de igual para igual”, pondera.

A expectativa é criar as Cadecs junto às três indústrias de abate que atuam na região até o fim do primeiro semestre.

Tabaco

Representantes dos fumicultores e das federações de Santa Catarina (FAESC) e do Rio Grande do Sul (FARSUL) estiveram na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, no dia 15 de fevereiro, para conhecerem detalhes da Lei da Integração. Na ocasião, os técnicos da casa repassaram informação sobre a lei e os procedimentos técnicos e jurídicos para a formação das Cadecs. A reunião foi organizada pelo presidente do Sindicato Rural de Irati, Mesaque Kecot Veres.



OLIVICULTURA

Azeite *made* *in* Paraná

Produtor de Bandeirantes investe em maquinário para extrair óleo de oliva, que deve chegar ao mercado em 2018

A produção de azeite de oliva, que era restrita aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, tem conquistado adeptos no Paraná. Entre os entusiastas está Idálio da Cruz Inácio, português radicado em Bandeirantes, no Norte Pioneiro paranaense. No mês passado, ele extraiu a primeira safra de azeite de oliva extravirgem. A marca Duidálio será lançada no mercado em 2018.

“Após a colheita, as nossas azeitonas [meio maduras] são industrializadas em 12 horas sob uma temperatura fria. Esse processamento resulta na pureza e no frescor do azeite. Nosso produto extravirgem [com até 0,8% de acidez] é verdadeiro, atestado por laboratórios”, orgulha-se o produtor rural de 83 anos, acrescentando que os azeites Duidálio, engarrafados na sua propriedade, escapam das fraudes e adulterações corriqueiras neste mercado.

Desde 2009, seu Idálio investe no cultivo de 23 mil pés de oliveiras, numa área 52,8 hectares, na Fazenda Luso,



em Ventania, região Centro-Oriental do Paraná. Lá, a colheita está na reta final e a expectativa é retirar 10 toneladas de azeitonas, que serão suficientes para produzir mil litros de azeite. “A nossa produção ainda é pequena porque nossas árvores são relativamente novas, com uma idade média entre um e sete anos. Quanto mais velho o pé de oliveira, maior a produção”, explica o produtor.

A partir de um ano após o plantio, a oliveira começa a dar azeitonas e atinge o pleno desenvolvimento entre oito e dez anos. De acordo com Idálio, cada árvore pode produzir até 30 quilos de azeitona, dependendo da variedade. Para se obter um litro de azeite são necessários sete quilos da fruta.

O produtor investiu R\$ 1 milhão em maquinário, com capacidade para industrializar 500 quilos de azeitonas por hora, acessórios e edificações para fazer o processamento do azeite de oliva. O produto Duidálio é elaborado a partir das variedades de azeitonas Arbequina, Koroneike e Coratina. “A primeira é mais suave, a segunda tem como principal característica o amargor, já a última é picante”, descreve Idálio.

Produção brasileira

No período de 2008 a 2015, a produção de azeite de oliva passou de 30 mil para 100 mil litros no país, segundo dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig). O volume ainda é pequeno na comparação com a Espanha, maior produtora mundial, que processou 826 milhões de litros em 2015.

O cultivo de oliveiras ainda é recente no Brasil. Há relatos de que mudas da planta tenham chegado na década de 1940, em Maria da Fé (MG). De acordo com a Epamig, apenas em 2008, foi extraído o primeiro azeite produzido no Brasil. A explicação para a demora é que as plantações são jovens no país e não chegaram ao ápice de produtividade, o que ocorre a partir do sexto ano. Além disso, os

olivicultores brasileiros ainda estão aprendendo a lidar com o negócio e adaptado a cultura ao clima local.

“O curto intervalo de tempo entre o campo e o prato é o maior trunfo do azeite produzido no Brasil. Os importados enfrentam uma longa jornada até chegar ao consumidor. E azeite, quanto mais novo, melhor”, afirma o pesquisador Luiz Fernando de Oliveira, da Epamig.

Atualmente, Minas Gerais e Rio Grande do Sul concentram a maior área destinada ao cultivo de oliveiras, com aproximadamente 3,4 mil hectares. O Paraná tem em torno de 70 hectares, segundo o engenheiro agrônomo Cirino Correa Júnior, coordenador estadual de plantas potenciais, medicinais e aromáticas da Emater.

Correa conta que o plantio de oliveiras iniciou no Paraná em 2001, em três estações experimentais implantadas em Salto do Lontra, Ribeirão Claro e São José dos Pinhais. Hoje há 13 unidades de pesquisa no Paraná, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), para avaliar cinco cultivares de azeitona, quatro destinadas à fabricação de azeite e uma para conserva.



Idálio manuseia equipamento de extração do azeite de oliva

Agricultura familiar vs agronegócio é uma falácia e um besteiro

Início uma série de artigos para abordar as falácias em torno da agricultura e do agronegócio. Falácia é um argumento logicamente inconsistente, sem fundamento, inválido ou falho na tentativa de provar o que alega.

Boa parte dessas falácias nasce nas salas de aula do ensino médio, propagadas por professores desinformados e material didático questionável. Outras propagam-se na forma de chavões repetidos por formadores de opinião e veículos de mídia. Outras derivam de posições divergentes de autoridades e órgãos governamentais, naquilo que se costuma chamar de “fogo amigo”.

Exemplos de polêmicas falaciosas que foram se firmando com o tempo são o agronegócio contra a agricultura familiar, a produção de grande escala contra os pequenos produtores, os fazendeiros contra os assentados, a tecnologia intensiva contra a natureza. Entram também na lista as inverdades sobre monoculturas, transgênicos, defensivos agrícolas, antibióticos, bem-estar dos animais e outros temas.

Começamos hoje com a falácia que opõe o agronegócio e a agricultura familiar, que costuma gerar um filhote igualmente falso: os grandes produtores contra os pequenos.

As duas dicotomias não têm o menor fundamento. Para começar, a palavra “agronegócio” vem do termo em inglês “agribusiness”, que não passa de um marco conceitual criado para delimitar os sistemas integrados de produção de alimentos, fibras e bioenergia.

Seis décadas atrás, em 1957, o

professor Ray Goldberg, de Harvard, constatou que a agropecuária deixara de ser um segmento isolado da economia (ou “primário”), tornando-se um elo fundamental das cadeias integradas de valor do agronegócio, cercada por segmentos industriais e de serviços a montante e a jusante.

O agronegócio nasce no melhoramento genético de plantas e animais e termina no consumo dos produtos finais: alimentos, bebidas, roupas, produtos da celulose e da borracha etc. Nesse contexto, a integração às cadeias do agronegócio tornou-se uma condição de sobrevivência para os produtores agropecuários, sejam eles grandes ou pequenos, corporações ou famílias, proprietários ou assentados.

Milhares de pequenos produtores familiares no Sul estão hoje profundamente integrados às cadeias produtivas de grãos, lácteos e carnes na região, comprando insumos e vendendo matérias-primas para agroindústrias processadoras. São parte fundamental do agronegócio brasileiro. Já grandes propriedades sem nenhuma produção não fazem parte do agronegócio.

Portanto, não é a escala que determina quem vai sobreviver, mas sim a integração e a eficiência.

Vale lembrar que o Brasil é um dos países com maior mobilidade social agrícola do planeta. Barões do café quebraram na crise de 1929, ao mesmo tempo em que migrantes italianos e japoneses pobres, que vieram colher café no interior de São Paulo, se tornaram os grandes produtores de cana, açúcar, etanol, hor-

taliças, algodão e outros produtos.

Pequenos agricultores familiares do Sul migraram para o Centro-Oeste nos anos 1970, abrindo a fronteira agropecuária do cerrado, ganhando escala, construindo estradas, cidades. Histórias fascinantes, que nunca foram bem contadas e reconhecidas.

Em suma, a maior parte dos grandes produtores de hoje é constituída por migrantes e pequenos produtores do passado.

A gestão das suas propriedades continua sendo familiar. A pequena agricultura familiar é parte fundamental do agronegócio. Mas o que interessa mesmo não é o tamanho das propriedades, e sim a sua gestão e sustentabilidade.

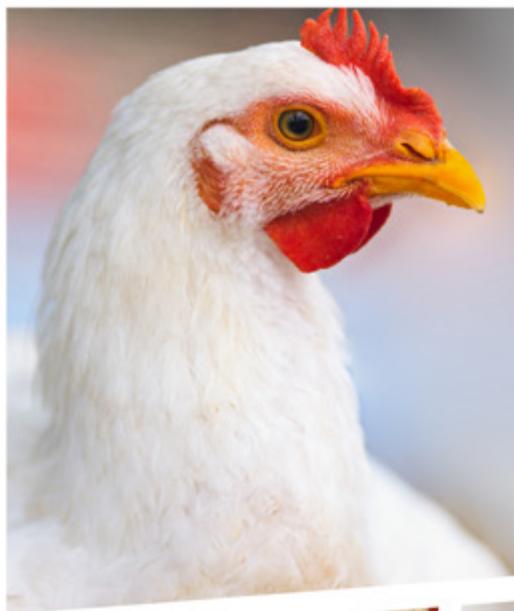
Não há, portanto, confrontação de modelos de produção, mas sim migração, evolução, inovação e integração. O resto é esse besteiro endêmico de quem se recusa a olhar a realidade e reconhecer que o Brasil tem belas histórias de sucesso para contar.



Marcos Sawaya Jank

Especialista em questões globais do agronegócio

Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo em 21 de janeiro de 2017



INFLUENZA AVIÁRIA

GRANJA SEGURA



É PROIBIDA
a entrada de pessoas
não autorizadas



FIQUE ATENTO
as boas práticas
de produção



É PROIBIDA
a entrada de
outros animais

Mais informações: www.adapar.pr.gov.br

REALIZAÇÃO

SISTEMA FAEP



APOIO



42 carros participam do Rally do Solo

Prova teve cerca de 160 participantes e buscou conscientizar para a conservação do solo e da água



A 2.^a edição do Rally de Uso e Conservação do Solo e da Água, que ocorreu em 14 de fevereiro, na região de Guaruapuava (Centro Sul do Estado) teve cerca de 160 participantes. Eles rodaram 190 quilômetros de trilha em 42 veículos 4x4 preparados para a aventura no barro. A chuva trouxe mais emoção ao evento. As provas buscaram conscientizar os participantes sobre a importância da conservação de recursos primordiais à agricultura, como o solo e a água. O evento é promovido pela Cooperativa Agrária Agroindustrial e pela Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária (FAPA), e teve apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Os critérios para pontuação das equipes foram a regularidade no rally (conseguir seguir corretamente o trajeto e

atingir os pontos de controle no tempo estipulado) e a participação nas provas (dez atividades ao longo da trilha), que tinham como objetivo ensinar técnicas e conhecimentos sobre as práticas conservacionistas.

Premiação

A equipe vencedora foi a n.º 3, integrada pelo diretor financeiro da Agrária, Arnaldo Stock (piloto), Cristian Abt (navegador), Rodrigo Martins e Juvêncio Xavier. Em segundo lugar ficou a equipe n.º 11, de Egon Milla (piloto), Karl Milla (navegador) e Luiz Gabriel. Em terceiro ficou a equipe n.º 14, da qual fizeram parte João Lucas Naiverth (piloto), Davi Naiverth (navegador), Marcos Antônio Novatski e Paulo Domit. O “troféu tartaruga” ficou com a dupla Jéssica Brandtner (piloto) e Manuela Gutfreund (navegadora), que não conseguiu completar a prova.

Dia de Campo

No dia seguinte ao rally foi realizado o Dia de Campo de Verão 2017. Na ocasião, a secretária do Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná (Prosolo Paraná), Débora Grimm, apresentou o programa e destacou os cursos de qualificação para produtores e agrônomos realizados pelo SENAR-PR, além dos eventos como o Dia de Campo de Verão e o 2º Rally de Uso e Conservação do Solo.

O secretário estadual da Agricultura, Norberto Ortigara, também esteve presente no evento. Ele ressaltou a importância do Prosolo Paraná e disse que o programa tem o intuito de facilitar o caminho para a resolução dos problemas ambientais dentro das propriedades rurais. “Nós temos problemas [ambientais] sérios no Paraná. Em muitos lugares, o Ministério Público estava cobrando muito, mas quando o agricultor procurava ajuda para minimamente planejar a resolução do seu problema, ele não encontrava. Por isso, vamos capacitar os agrônomos e técnicos, e, por isso, demos o prazo de um ano para aderir ao programa, que se encerra no dia 28 de fevereiro”, destacou.

Frente Parlamentar tem nova diretoria

Nilson Leitão substitui Marcos Montes e vai comandar o grupo no biênio 2017/18



Marcos Montes, o presidente Michel Temer e Nilton Leitão durante a posse da nova direção da FPA

O deputado Nilson Leitão (PSDB-MT) assumiu, no dia 14 de fevereiro, a presidência da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), no lugar de Marcos Montes (PSD-MG), que comandou o grupo nos últimos dois anos. A deputada Tereza Cristina (PSB-MS) assumiu a vice-presidência. A frente tem como objetivo estimular a ampliação de políticas públicas para o desenvolvimento do agronegócio nacional. Dentre as prioridades atuais estão a modernização das legislações trabalhista, fundiária e tributária, além da regulamentação da questão de terras indígenas e áreas de quilombolas, para garantir a segurança jurídica necessária à competitividade do setor.

Nos últimos anos, a FPA, composta por 236 integrantes (222 deputados e 24 senadores), tem se destacado nos trabalhos do Congresso Nacional. Para o novo presidente, a força do agronegócio nos últimos anos tem participação direta da atuação dos deputados e senadores da frente. Para os próximos anos, Leitão aposta em pautas como minimizar os efeitos do 'custo Brasil', acelerar os processos de licenciamento ambiental e aprovar uma nova legislação para o trabalho rural.

"A Frente Parlamentar da Agropecuária foi fundamental para muitas das conquistas do

agronegócio, como a Lei da Integração, no ano passado. Tenho certeza que o trabalho dos parlamentares ao longo deste ano será bastante importante para avançar em questões primordiais para a agropecuária brasileira", destaca o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

O mandato de Nilson Leitão à frente da FPA vai até 2018 e pela tradição da frente, a deputada Tereza Cristina deve ser a próxima parlamentar a presidir o grupo parlamentar.

Pensar Agro

O Instituto Pensar Agro (IPA) também tem novo conselho desde o dia 31 de janeiro. O produtor rural Fábio de Salles Meirelles Filho substitui o produtor Ricardo Tomczyk na presidência do Conselho de Administração para o biênio 2017/18.

Criado em 2011 como uma associação de direito privado de âmbito nacional e sem fins lucrativos, o IPA congrega 42 entidades representativas do setor produtivo rural, entre elas a FAEP, que debatem estratégias para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro. As entidades representativas do setor rural, que integram o IPA, dão suporte aos trabalhos Frente Parlamentar da Agropecuária.



Reunião com integrantes das 42 entidades que fazem parte do Conselho do Instituto Pensar Agro

Duplicação da PR-323



No dia 14 de fevereiro, o presidente do Sindicato Rural de Altônia, Braz Reberte Predini, esteve no Palácio Iguazu, em Curitiba, acompanhado pelo diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, para discutir com o governador Beto Richa a necessidade da duplicação da rodovia PR-323, no Noroeste do Estado.

Esta é uma demanda antiga dos moradores da região, que ano a ano veem crescer as estatísticas de acidentes e mortes na rodovia. Diversas entidades de vários municípios já se mobilizaram por meio do movimento “Vítimas do Descaso, PR-323, duplicação já”. Apenas entre janeiro e novembro do ano passado, 61 pessoas perderam a vida naquela estrada.

AveSui vai debater qualidade sanitária

A edição deste ano da AveSui, que tem como tema “One Health – Uma só Saúde”, será em Florianópolis (SC) nos dias 25, 26 e 27 de abril, e terá como uma das frentes a cooperação entre os envolvidos ao longo da cadeia alimentar da criação de aves e suínos. O objetivo é reforçar a ideia de consumir produtos com qualidade sanitária, sem riscos à saúde, é um dever não só dos veterinários mais de todos os profissionais envolvidos na cadeia de produção.

O debate do conceito One Health também vai tratar do manejo, bem-estar, sustentabilidade, preservação, proteção à saúde e garantia da segurança alimentar. Processo que tem início no campo com a nutrição, sanidade do rebanho, a produtividade e a sustentabilidade ambiental, evitando a veiculação de doenças e zoonoses.

FAEP apresenta propostas do Paraná para o PAP 2017/18

As propostas do Paraná para o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e Plano Safra 2017/18 foram apresentadas durante reunião realizada no dia 13 de fevereiro, na sede da FAEP, em Curitiba. Estiveram presentes representantes da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que a partir de encontros como este realizados em outros estados, consolidará um documento para ser entregue ao governo federal. O objetivo é que as demandas dos produtores rurais paranaenses sejam contempladas no PAP e no Plano Safra 2017/18.



Parceria para crescer

Convênio dá descontos e benefícios a participantes do Programa



O Programa Pecuária Moderna, iniciativa encampada pelo governo do Estado em parceria com outras entidades como o Sistema FAEP/SENAR-PR, assinou no dia 9 de fevereiro, durante o Show Rural Coopavel, em Cascavel, um Termo de Parceria com sete empresas das áreas de equipamentos e insumos.

O convênio tem como objetivo estreitar o relacionamento entre as empresas do setor e os pecuaristas ligados aos comitês regionais do programa, que poderão ter acesso a benefícios, como descontos e bonificações na compra dos produtos.

As empresas signatárias terão como benefício a possibilidade de participar de eventos técnicos e dias de campo do programa, acessando novos potenciais mercados. Após este primeiro termo de parceria, outras empresas poderão aderir ao Programa Pecuária Moderna, bem como outros pecuaristas interessados em desenvolver seus sistemas produtivos.

O termo de parceria foi assinado pelo coordenador do Comitê Gestor Central do programa, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, e por representantes das sete empresas parceiras

(veja a lista abaixo). Entre descontos e benefícios, a média concedida pelas empresas aos participantes do programa varia entre 10% e 15%. “O que nós buscamos com isso é uma relação de ‘ganha-ganha’, em que todos os lados são beneficiados”, observa Botelho.

As empresas parceiras atuam nas áreas de sementes de pastagens e forrageiras, fertilizantes, equipamentos, medicamentos e animais reprodutores. A assinatura do termo de parceria vai ao encontro dos objetivos do programa, que visa desenvolver a bovinocultura de corte no Paraná, promovendo ações que fomentem a evolução tecnológica da atividade e a capacitação dos pecuaristas, de modo a obter mais rentabilidade e alcançar novos mercados.

Empresas parceiras

Núcleo de Criadores Angus do Oeste do Paraná

(reprodutores bovinos machos e fêmeas)
(45) 3222-5816

AG Metal Metalúrgica

(equipamentos, adubos e sementes para áreas declivosas)
(47) 3379-1996

Agroprogen Comércio de Insumos Agropecuários

(sementes forrageiras tropicais e forrageiras de inverno)
(45) 2031-0900

Agregare – Soluções Ambientais

(biofertilizantes)
(45) 99144-0102

Romancini – Troncos e Balanças

(troncos de retenção, balanças digitais e mecânicas)
(42) 3635-1564

Agropecuária Kronbauer Distribuidora Real H Linha Saúde Animal

(medicamentos homeopáticos)
(45) 3224-8213

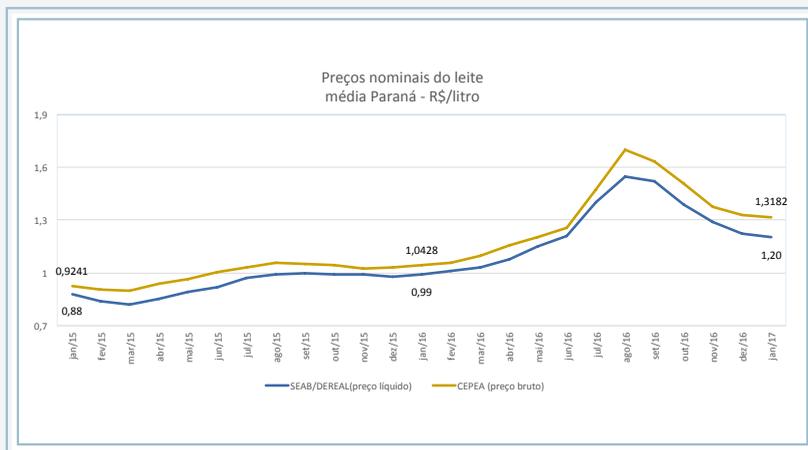
Sementes Tormenta

(sementes de aveia e de forrageiras tropicais)
(45) 99105-8871

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 02/2017

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 14 de fevereiro de 2017 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em janeiro de 2017 e a projeção dos valores de referência para o mês de fevereiro de 2017, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2017

Matéria Prima	Valor Projetado em janeiro/2017	Valor Final janeiro/2017	Diferença (final-projetado)
Leite CONSELEITE IN62**	1,0323	1,0270	-0,0053

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2017 E PROJETADOS FEVEREIRO/2017

Matéria Prima - Valores Finais	Valor Final janeiro/2017	Valor Projetado em fevereiro/2017	Diferença (projetado-final)
Leite CONSELEITE IN62**	1,0270	1,0295	0,0025

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada "Leite Padrão", se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de fevereiro de 2017 é de

R\$ 2,3048/litro.

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.conseleite.com.br

Curitiba, 18 de fevereiro de 2017

RONEI VOLPI Presidente | **WILSON THIESEN** Vice - Presidente



Pecuária Moderna retoma atividades

O programa Pecuária Moderna já voltou às atividades. A primeira reunião do comitê Estadual ocorreu dia 13 de fevereiro, na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba. Outras reuniões serão marcadas nos 17 comitês regionais espalhados pelo Estado. A periodicidade é mensal. Para mais informações sobre as datas das reuniões na sua região, contate seu comitê regional.



FUNDEPECPR

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO PARANÁ

INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/01/2016

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	286,49	-	-	31,44	-	-	-	317,93
Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	36.903.101,79	-	2.341.952,64	-	43.542.487,49
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.831.526,63	-	181.518,99	-	16.183.933,46
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.724.394,99	-	-	-	7.548.929,62
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	146.774,67	-	-	-	224.097,45
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	14.428,39	-	-	-	20.267,00
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	183.792,18	-	-	-	267.800,09
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.468,49	4.624.105,00	141.031,00	44.942.699,74	542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	67.710.265,61
SALDO LÍQUIDO TOTAL								67.710.265,61

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Erramos

Os gráficos que ilustraram o artigo “Quanto custa a produção de frangos no Paraná?”, publicado na edição 1375, páginas 6, 7, 8 e 9, saíram com o mês de abril de 2016 como referência de levantamento em seus títulos. O mês correto da avaliação foi novembro de 2016.



SÃO MATEUS DO SUL

MANUTENÇÃO DE TRATORES

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul promoveu, entre os dias 28 e 30 de novembro, o curso Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas – NR31. Participaram 13 pessoas com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski.



PALOTINA

MIP

O Sindicato Rural de Palotina promoveu, entre os dias 18 de agosto de 2016 e 5 de janeiro de 2017, o curso Trabalhador no Cultivo de Grãos e Oleaginosas – soja MIP – inspetor de campo em manejo integrado. Participaram 15 pessoas com o instrutor Everton Debertolis.



ORTIGUEIRA

MOTOSSERRA

O Sindicato Rural de Ortigueira promoveu, entre os dias 6 e 10 de dezembro de 2016, o curso de Operação e Manutenção de Motosserra. Participaram quatro produtores da região com o instrutor Roosevelt Mendes Ferreira.



REALIZA

COLHEDORAS

O Sindicato Rural de Realeza promoveu, nos dias 12 e 13 de janeiro, o curso Operação, Manutenção e Regulagem de Colhedoras Automotrizas. Participaram do curso 12 produtores rurais com o instrutor Edson Zuchi.



CIANORTE

HORTIMAIS

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 25 de janeiro de 2016 e 2 de fevereiro de 2017, o curso de Caracterização e Conservação de Solos – Hortimais. Participaram 15 produtores com a Instrutora Priscila Trigo Martins Azevedo.



PORECATU

BRIGADA DE INCÊNDIO

O Sindicato Rural de Porecatu promoveu, entre os dias 30 de janeiro e 1º de fevereiro, o curso de Brigada de Incêndio, realizado na Usina Alto Alegre unidade de Florestópolis. Participaram 20 pessoas com o instrutor Marcelo Silveira dos Santos.



CAMPO MOURÃO

COLHEDORAS

O Sindicato Rural de Campo Mourão realizou, de 30 de janeiro a 3 de fevereiro, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizas - colhedora axial - Norma Regulamentadora 31.12. Participaram oito pessoas com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski.



BANDEIRANTES

ADESTRAMENTO

O Sindicato Rural de Bandeirantes promoveu, entre os dias 30 de janeiro e 9 de fevereiro, o curso Trabalhador na Doma Racional de Equídeos – adestramento. Participaram oito pessoas com o instrutor Rodrigo Augusto Bittencourt Pereira.

VIA RÁPIDA



Gatos

O Dia Mundial do Gato é comemorado no dia 17 de fevereiro. Para marcar a data você sabia que esses felinos ouvem até 65 kHz, enquanto o limite do ouvido humano é 20 kHz?

Seres humanos

Três curiosidades sobre o corpo humano:

1. Para quem quer perder calorias, fica a dica. A cada selo que você lambe para colar numa correspondência se consome um décimo de caloria. Ou seja, o e-mail é o culpado da sua barriga.
2. Já tentou espirrar de olhos abertos? Impossível.
3. O músculo mais potente do corpo é a língua. O que explica muitos desentendimentos.

Tradição nojenta

Os romanos adoravam tanto a opulência e o excesso em tudo, que até começaram a tradição de induzir vômitos durante as festas. De acordo com Sêneca, os romanos comiam até não aguentar mais e, em seguida, provocavam vômitos para liberar o estômago e continuar comendo.



Para pensar...

Filosofia de boteco

Eu bebo pouco, mas o pouco que bebo me transforma em outra pessoa, e essa outra pessoa sim, bebe muito. Aprenda uma coisa: o mundo não gira em torno de você. Só quando você bebe demais.

Publicidade dirigida

Se sua sogra é uma joia...
Nós temos a caixinha!
Funerária São José

Educação financeira

Devo tanto que, se eu chamar minha mulher de bem, o banco toma!



Foi engano

O engano começou quando a polícia recebeu informação de que uma senhora idosa estava dentro de um carro parado e parecia estar com problemas. Um policial chegou ao local e se deparou com a idosa com uma máscara de oxigênio e que não respondia ao seu chamado. Como o carro estava trancado, ele quebrou um dos vidros para socorrer a idosa.

Só então o policial de Hudson, no Estado de Nova York (EUA), se deu conta que se tratava de um manequim muito realista.





Você já comeu uma coxinha de farofa?

O salgado, típico da Lapa (na Região Metropolitana de Curitiba), é feito com massa de pastel e recheado com farofa de frango. Nunca ouviu falar?

Bom, a iguaria surgiu nos anos 1940, nas tradicionais festas religiosas da cidade, e foi para aproveitar sobras. O quitute foi ideia de Maria da Glória Ribas Kuss, que ao perceber que havia acabado a carne moída e sobrado a massa do pastel, resolveu usar a massa e colocar a farofa feita de farinha de milho e carne de frango desfiada. Por muito tempo, o salgado era produzido apenas para as festas religiosas. Com o tempo, muitas pessoas aprenderam a receita e a coxinha de farofa passou a ser produzida comercialmente. A fama cresceu e o quitute foi homenageado com uma festa anual na Lapa. Na última edição do evento foram vendidas cerca de 75 mil coxinhas de farofa.



Holandês voador

Um dos navios pirata mais lendários é holandês. É um clássico que aparece em filmes como "Piratas do Caribe" e desenhos como "Bob Esponja". Sua história roda em torno do tal holandês, Hendrick Van Der Decken, que era seu capitão e fazia uma viagem no Cabo da Boa Esperança (sul do continente africano), com destino a Amsterdã. Durante uma tempestade severa, o holandês se recusou a desviar o curso do navio, não importando quanto a tripulação lhe pedisse. Rindo do perigo, o holandês bebia cerveja, fumava seu cachimbo e cantava músicas de piratas com letras obscenas, o que fez com que seus marujos comessem um motim. Pirata experiente, o holandês matou o líder do motim e jogou seu corpo no mar e o caso foi solucionado. Não precisou de mais para virar lenda.



Carro movido a resíduos de esgoto

A Toyota está trabalhando em um veículo que utiliza uma estação de tratamento de águas residuais para processar o esgoto em Fukuoka, no Japão. Traduzindo, as fezes podem servir de combustível para os veículos do futuro. As partes líquida e sólida são separadas e com a atuação de micro-organismos, os componentes são quebrados para a liberação de biogás. A partir do gás, o CO2 é filtrado para a extração do hidrogênio puro, que coloca o carro em movimento e não emite gases poluentes.



UMA SIMPLES FOTO



OS 10 MANDAMENTOS DE FERNANDO QUAGLIATO

Veja algumas das regras de administração do pecuarista que se tornou famoso na década de 1990 por ser considerado o maior criador de gado do Brasil, com 200 mil cabeças em fazendas no Pará, São Paulo e Goiás.



1. Só invista com dinheiro próprio ou com subsídios muito grandes.
2. Mantenha liquidez, para não vender por necessidade – só por opinião.
3. Procure soluções e não culpados. Se o governo tem culpa, mas quem quebra é você, o consolo é pouco.
4. Produza mais o que você produz bem. A diversificação é um perigo. O pato voa, nada e anda, mas não faz nenhuma dessas três coisas direito.
5. Em princípio, todo produtor pode utilizar melhor seu equipamento – do trator a terra.
6. O negócio precisa prestar. O bom negócio pode ser mal administrado e ainda assim dar dinheiro. O mau negócio não adianta ser bem administrado porque não dá dinheiro.
7. A terra como reserva de valor é obsoleta. Compre terra pelo valor de uso ou arrende. E, se comprar, sempre com recursos próprios.
8. Fique de olho no mercado. 10% a menos na hora de comprar e 10% a mais na hora de vender, em 10 anos é uma fazenda nova.
9. Nunca tente vender no pico ou comprar no fundo do poço. Só os mentirosos conseguem isso.
10. Se você perder o sono por causa de uma operação especulativa, desfaça a operação. O negócio presta só se você pode dormir à noite.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

